

## Notas do tempo

**T**ERMINEI as Notas de há quinze dias justamente pela notícia de «30 novas medidas a juntar às 90 já em curso em matéria de inclusão social», as quais, «com 250 milhões de contos», visam «travar a pobreza» num prazo curto.

Curiosamente no mesmo diário de que fiz a transcrição acima, chamou-me ontem a atenção outro título: «Em Portugal peca-se por legislar demais». E o ex-Reitor da Universidade que produziu a afirmação, acrescenta: «Vem um novo ministro, vem um novo governo e querem fazer novas leis que nem sempre chegam a ser aplicadas. Às vezes, é o que vale...»

Daqui, à distância que me compete, mas pela experiência que os muitos anos dão, subscrevo de alma e coração este pensar. No atrevimento que a escola da Rua me permite, até já tenho chamado às instituições legisladoras fábricas de leis, para as quais a produção maciça é o que conta. Fazem-se, frequentemente não chegam a ser regulamentadas e por isso não são aplicadas — e «às vezes, é o que vale...»

Ainda no mesmo diário, em 10 de Agosto, outro título: *Lei responsabiliza donos de*

*animais. É assim; a vida não me dá para mais do que folhear jornais como quem procura conhecer um livro pelo índice. Daí a fixação nos títulos. E só de um ou outro que mais me impressiona, leio o texto. Aqui está, pois, mais este sobre que vou desabafar.*

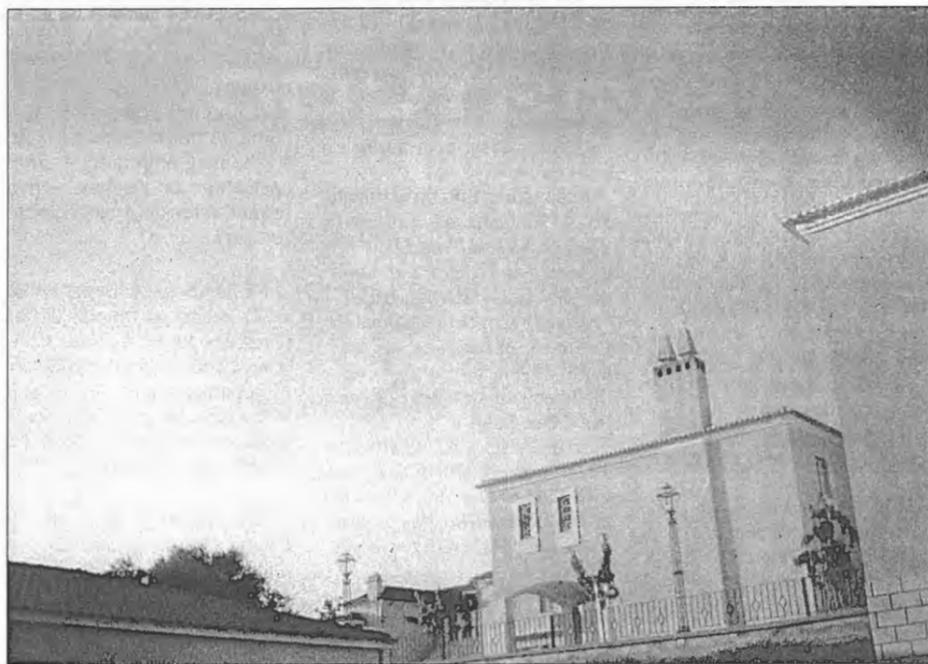
Mais uma lei que certamente nem será uma lei a mais. Até porque vem a reboque: «O decreto-lei aprovado em Conselho de Ministros estabelece as normas legais tendentes a pôr em aplicação a Convenção Europeia para a Protecção dos Animais de Companhia, bem como um regime especial para a detenção de animais potencialmente perigosos (...) que, pelas suas características físicas, possam causar danos a terceiros». E as ditas normas legais incidem «sobre a detenção, alojamento, maneo, intervenções cirúrgicas, captura e abate». Assim se pretende ficar a la page com os «princípios fundamentais definidos pela Convenção Europeia para o bem-estar dos animais a que 'ninguém deve inutilmente causar dor, sofrimento ou angústia' e que 'ninguém deve abandonar um animal de companhia'».

Se é tal e qual se lê na informação do jornalista — quem pode discordar do acerto

essencial destas medidas? Pois não são de prevenir os danos previsíveis de «animais potencialmente perigosos» e de inculpar os proprietários se da potência se passar ao acto? E dos animais ditos «de companhia» quem, que não seja um cruel primário, contestará o dever de os tratar bem segundo a sua natureza? Tudo bem, pois!

Mas como é, se subimos ao universo dos humanos — neste tempo hipócrita da

Continua na página 4



Belo plano das novas construções, da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Aqui nasceu a Obra da Rua.

### TRIBUNA DE COIMBRA

## Servidores dos Pobres

**N**O terceiro Domingo de Agosto estivemos na Igreja de S. Julião, na Figueira da Foz. É na maré dos nossos peditórios. Faz bem rever caras conhecidas de outros anos, Amigos da Obra da Rua, de há longa data. É gente que ali vive o ano todo e gente que vai à procura de repouso e mar. É um encontro preparado com antecedência. A amizade e o acolhimento do saudoso Padre Arménio continua presente no actual prior, o Padre João Veríssimo. As pessoas estão prevenidas e na altura própria depositam as suas ofertas nas sacas do Gaiato. Este ano o peditório rendeu para cima de mil e seiscentos contos.

Nós, ao princípio, trememos: — *Que dizer?! —* como se vazio andasse o nosso coração... ou não necessitássemos de pedir...! Mas como este nosso pedir é, sem dúvida, uma grande ocasião de também dar, o ânimo aumenta. Servidores dos Pobres, servidores da Palavra. Sim! Oferecer a Palavra de Deus. Palavras autorizadas com a chancela dos Pobres. Oh responsabilidade e grandeza! Quão grande é o clamor dos famintos! Bem o explicitava naquele Domingo o salmista ao fazer-se eco dos sentimentos de Jeremias, o profeta incompreendido e perseguido por causa da mesma Palavra: — *Senhor socorrei-me sem demora... retira-me do abismo e do lamaçal... Lançado à cisterna, Jeremias é a voz intranquila da verdade que os poderosos — Sedecias, o rei sem autoridade para contrariar os maus intentos dos seus ministros — pretendem reduzir ao silêncio. A cisterna onde os grandes matam a verdade e a honra; a cisterna dos seus caprichos e vaidades. Quantos cenários de actualidade flagrante aqui poderíamos enumerar! Quanta vanglória e ostentação protagonizadas por figuras de destaque! Quanta profissão de fé de laicismo doentio, primário e vistoso! Como se ao anúncio da morte de Deus se não abrisse de imediato o túmulo do próprio homem! Como se à afirmação da agonia de Deus se não sentisse por perto o cheiro repugnante da decomposição cadavérica do próprio homem... Como se a glória de Deus não fosse o homem vivo e este, vivo, espelho da Sua glória!*

Jesus, a Palavra de Deus, fogo das almas inquietas, das consciências que o procuram, é o tal pão que escasseia na cidade! E os pobres, os gaiatos, os sem-família? E as

Continua na página 4

Continua na página 3

## Momentos

**C**HEGOU o momento exacto de dar a notícia aos nossos leitores mais afastados da nossa vida de que a responsabilidade directa e próxima da Casa do Gaiato de Setúbal passou para o coração do Padre Júlio.

Há dois meses que se vem ocupando dela com todo o zelo e a minha alegria.

Em Fevereiro do ano corrente os Padres da Rua resolveram confiar-me mais responsabilidades e trabalho.

Que hei-de fazer? — Aceitar. A nossa missão é servir. Onde o Senhor quiser. Ele é o Mestre. Assim fez. Não podemos caminhar de outro modo. Sentindo a repugnância da Sua natureza, pegou na Cruz e avançou para o Calvário, pois era a vontade do Pai.

Os Padres da Rua vivem uma vida de tal doação e heroicidade que nenhum é capaz de se recusar, perante os outros, a qualquer responsabilidade.

O Padre Américo, fiel discípulo de Jesus, deixou-nos a recomendação de que a nossa entrega seria «até ao desgaste final».

Comungo com todos os Amigos que ao longo destes 44 anos comigo construíram a Casa do Gaiato de Setúbal, a mantiveram e me ajudaram a fazer muitas centenas de homens.

Aos que foram para o Céu peço que intercedam junto de Deus pela minha fidelidade. Aos que continuam connosco que porfiem a apoiar esta Casa que é vossa.

Daqui em diante partilharei os meus momentos com os rapazes de Paço de Sousa e de todas as Casas, com as senhoras da Obra da Rua e os Padres da Rua. Espero que os Pobres sejam para mim, cada vez mais, os meus Senhores.

Padre Acílio

### CALVÁRIO

## O pão de cada dia

**A** TRAVESSAMOS um período em que a fé nos desígnios do Alto se nos impõe sobremaneira. Sem dona de casa, há vários meses e com baixas em diversos sectores, andamos recorrendo à boa vontade de quem nos vai valendo. Nunca rezei o Pai Nosso com tanto sentido como agora. E o pão de cada dia — o servir os outros em cada dia — tem aparecido certinho. Não sei quem vai fazer as refeições amanhã. Mas sei que alguém vai aparecer como tem acontecido nos demais dias.

Esta é a pobreza que o Evangelho aponta: só querer o pão para cada dia.

No meio desta contingência, uma invisual funciona como dona de casa. Ela conhece os cantos das despensas, sabe a quantidade de alimento a deitar nas panelas, do pão a distribuir, da fruta a colocar nas mesas e vai-o comunicando a quem chega. Pela manhã, enquanto não surge alguém, prepara o café. Basta que outra doente esteja a seu lado para ver se a chama do fogão está acesa. O resto é com ela. E em seguida distribui a refeição da manhã.

— Já chega! E o café com leite parte nas mãos da Rosa para o lugar certo.

Continua na página 4

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**SERVIDOR** — Ultimamos a casa duma família cuja obra principiámos, há tempos, face à situação dum familiar, do qual ninguém desejaria tomar conta! Morreu feliz, com o mínimo indispensável.

Entretanto, agora chega um outro seu irmão, já quase no fim da vida, também por doença, com necessidade de tudo, de remédios e de quem o trate com amor. Na pequenina *hospedaria*, Deus permita que dure um pouco mais.

A estoutro irmão aconteceria a mesmíssima coisa: não passaria recado para ali se acoirar, porque desde crianças não tiveram quem lhes indicasse o caminho como membros duma sociedade organizada.

A irmã, porém, sabe como e quanto custa servir: — *As receitas dele são muito caras! Dêem-nos a mão, se faz favor.*

O pobre homem já tem cama, tecto, remédios, alimentação — quem trate das suas mazelas.

**VOZ DO PAPA** — Excerto da homilia na Missa de Domingo, da Misericórdia Divina:

*«Queremos dar graças ao Senhor pelo Seu amor que é mais forte que a morte e que o pecado. Esse amor revela-se e realiza-se como misericórdia na nossa existência diária e impulsiona a cada homem a ter, por sua vez, misericórdia pelo Crucificado. Em qualquer situação em que nos encontremos — acrescenta — ainda que seja a mais complexa e dramática, o Ressuscitado repete-nos a cada um: — Não temas! Morri na cruz mas, agora, vivo pelos séculos dos séculos.»*

Na Ilha de Malta, nas suas palavras de peregrino, quis resumir os seus desejos e esperanças no momento actual:

*«Nos lugares vinculados ao milenário do nascimento do Salvador esperei e rezei por uma grande renovação entre os cristãos. Desejei acalentar os crentes e todas as pessoas de boa vontade a defender a vida; promover o respeito pela dignidade de todo o ser humano; proteger a família contra as numerosas ameaças de hoje; abrir o coração às pessoas pobres e que sofrem no mundo; e trabalhar por uma ordem internacional baseada no respeito ao direito e na caridade para os menos favorecidos.»*

**PARTILHA** — Um cheque, da assinante 30810, do Porto, «para pôr em dia a assinatura e o restante dividam pela mãe dos três gémeos e para outras despesas da vossa Conferência». Retribuímos o «abraço amigo», também.

O assinante 56370, de algures, «pede anonimato» — e acentua que «destina o donativo para as obras na casa que vai ser entregue à viúva referida n' *O GAIATO* de 11/8/01». Cumprimos.

Dez mil, do assinante 29430, de Molelos (Tondela), «para suavizar um pouco as aflições dos mais necessitados. Deixo, por isso, ao vosso critério a distribuição dessa importância, pois sabem onde estão os mais aflitos».

Luso: cinco mil, do assinante 53241, «para os que mais necessitam e sofrem. Deus vos conceda as Graças e a saúde que precisais». Partilha cristã!

Agora, vem lá um Oficial do Exército, na reserva, — assinante 32986, do Porto — com um cheque e «o afecto de sempre». Que bem!

Almeirim: A assinante 27280 põe em ordem as contas d' *O GAIATO* e fica «agradecida da partilha das vossas preocupações, tristezas e alegrias».

A remessa habitual da assinante 57002, da Senhora da Hora, «pequena oferta referente aos meses de Julho e Agosto, para ajudarem uma família que se encontra em maior dificuldade, contribuindo, assim, para diminuir o seu sofrimento e satisfazer as suas necessidades mais prementes». Lembra, ainda, seu marido que Deus tem.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do *Jornal O GAIATO*, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes



Moçambique — Preparando batata doce para plantar.

## MOÇAMBIQUE

Há muito que não damos notícias! Não tem sido preguiça nem falta de interesse. De qualquer modo pedimos a todos que nos perdoem. Hoje vão algumas.

**FESTA DO 16 DE JULHO** — Por pouco, a data de Pai

## PAÇO DE SOUSA

**VISITANTES** — Têm sido muitos os visitantes que por aqui passam e nos deixam a sua alegria, boa disposição, carinho e ajuda. A todos expressamos a nossa gratidão e afecto.

A propósito, pedimos desculpa ao grupo de Amigos de Valbom (Gondomar) — que apelidámos de *Janotas* — não termos referido a sua recente presença.

**FÉRIAS** — A nossa gente está a chegar ao fim das férias! O terceiro turno já voltou. Chegamos a um tempo de reflexão e preparação para o novo ano lectivo que se aproxima, desejando que ele corra tão bem ou melhor que o anterior.

**BATATAS** — A apanha de batatas chegou ao fim! Foi um ano relativamente bom com fruto de boa qualidade. Esperamos pelo resto — a época de vindimas que se aproxima.

Almeidinha

## TOJAL

**DESPORTO** — Estamos muito orgulhosos porque a equipa do Tojal passou a realizar os treinos em nossa Casa.

E nós, os gaiatos, precisamos de equipas para um grande desafio e que estejam à nossa altura.



Paço de Sousa — O «Moranguinho» trata dos aviários, das galinhas.

**FÉRIAS** — Chegaram ao fim! O terceiro grupo está de regresso, pois as aulas vão recomeçar. É altura de nos concentrarmos mais e melhor no próximo ano lectivo.

Muitos rapazes não tiveram férias porque decidiram organizar as suas vidas e outros porque estão a realizar cursos profissionais, o que é muito bom.

**AMIGOS** — Temos conosco um grupo de voluntários constituído por quatro raparigas e dois rapazes.

São todos muito simpáticos!

Eles estão a tomar conta dos mais novos.

**MENSAGEM** — Mãe, tu foste o berço do meu quotidiano!

Sou a matéria-prima do teu simples ser.

Soube apreciar o teu amor, mas foi pouco para mim.

Ainda me lembro do teu beijo, ao cair da noite, quando me deste aquele abraço tão quente, forte e amoroso, e disseste: — *Meu filho, amo-te muito!*

Pois não te respondi com palavras, mas sim com o coração, dizendo: — Assim seja. Também te amo, e o meu muito obrigado por me teres aceite como teu ser.

É tudo, não há palavras para mais um blá, blá.

Hoje, procuro o mesmo amor e não o encontro em lado nenhum.

Será que posso ter fé?

Mãe, tu és...

Os gaiatos precisam de uma mãe para os acarinhar.

Por favor, pensem no assunto!

**VIAGEM** — Há um mês atrás, três dos nossos rapazes tiveram a sorte de fazer uma, a França.

O Emanuel, o Tiago e o João agradecem profundamente a todos os Amigos que contribuíram para esta viagem.

O nosso muito obrigado!

Abílio Pequeno

José Maria sempre disse que isso se devia em grande parte ao interesse e simpatia que o senhor Embaixador de Espanha tem pela nossa Obra.

Agora, antes de ser transferido para a Tailândia, reservou o último Domingo da estadia em Moçambique para se vir despedir de nós. Foi uma atitude de que muito gostámos.

Chegou com a comitiva. Foram todos directamente para a Capela onde estava a começar a celebração de Domingo. A seguir, almoçou connosco. No final fez um discurso que nos trouxe muita alegria porque, disse, amava o povo moçambicano, especialmente os gaiatos, e levava no seu coração a nossa amizade.

Todos lhe desejámos boa viagem e muita saúde.

Moisés de Jesus

No dia seguinte a celebração foi para os gaiatos, alunos da escola, professores e trabalhadores. À noite, os grupos da nossa Casa apresentaram um espectáculo, mas a opinião de todos é que não foi muito bom. Temos muito que melhorar.

Vicente Timba e Edson Luís

**EMBAIXADOR** — Como sabem da Cooperação Espanhola temos recebido muita ajuda para as comunidades à nossa volta. O nosso Padre

longe para não nos causar problemas. Acorreu toda a gente disponível: os gaiatos, os alunos externos da nossa escola, os professores, as mulheres que trabalham no feijão, trabalhadores rurais, pedreiros, todos. Devíamos ser mais de trezentas pessoas e, assim mesmo, não pudemos controlar o fogo porque foi um dia quente e de vento forte. Arderam vários quilómetros de terra e ainda apanhou uma boa parte dentro do nosso terreno.

Há dois dias o fogo voltou aqui mesmo, ao lado, na linha do comboio, e foi preciso que o *caterpillar* abrisse um caminho para lá chegarmos com um tanque de água. Todos os anos sucede este problema e temos que estar sempre muito atentos para não sermos apanhados de surpresa.

Horácio Rafael

**CRECHE DA MASSACA** — Há dias, foi inaugurado o Posto de Saúde junto à creche da Massaca, construído também pela nossa Obra. Foi uma cerimónia simples em que o nosso Padre José Maria fez questão de salientar o trabalho



# Cartas

## Inspiração divina

«Sou assinante do Famoso desde os 16 anos. Tenho já 59. Toda a riqueza que tenho recebido dele, não vou repeti-la, pois já a conheci, através de milhares de testemunhos de outros Leitores. Quero, no entanto, dizer que me fiz assinante depois de ter assistido a uma palestra do Padre Carlos, em Lourenço Marques, no Teatro Manuel Rodrigues.

Desde então, apaixonei-me por essa Obra e, em África, no Brasil e em Portugal, O GAIATO tem acompanhado o meu peregrinar.

Tentei sempre semear os valores de Jesus no coração dos meus filhos, sendo O GAIATO um dos grãos. No entanto, com o decorrer do tempo, eles foram-se afastando desses valores, pondo, em primeiro lugar, a busca do futuro, a realização profissional, os teres e os haveres.

Mas eu sou uma mulher de Fé e de muita Esperança.

Li o último número d'O GAIATO. Por inspiração que julgo divina, dobrei-o muito bem e coloquei-o na carteira de minha filha, sem que ela desse por isso. Vive já em sua casa, mas janta conosco todos os dias. Domingo passado perguntou se tinha sido eu a colocar o jornal em sua carteira. Disse que sim e ela e o irmão riram-se muito e disseram: — És mesmo tolinha! Não fiz comentário, mas disse comigo: — Sou tolinha, mas é de amor a Deus e a eles.

Ontem, a minha filha entregou-me um cheque, que anexo, e pediu para solicitar

uma assinatura do Famoso, o que venho fazer. Disse ainda ter lido o Famoso 'de fio a pavio'.

Assinante 2019»

## Despertar

«É nesta época que quase sempre mando uma pequena lembrança para a assinatura do meu Jornal preferido. Ele enche-me um vazio e desperta-me para os meus irmãos pobres. Sinceramente, agradeço esta oportunidade que me dão para partilhar convosco — em quem confio plenamente.

Assinante 22890»

## Livro de cabeceira

«Pão dos Pobres, de Pai Américo, é hoje um livro de cabeceira, um livro de Orações. Um livro que dá que pensar, que dá muito para meditar!... E ajuda mesmo a fazer um exame de consciência do que tem sido, para mim e para os outros, a minha vida. Obrigada, mil vezes obrigada, por me terem enviado 'este Singular e Único Samaritano' que entra (subtil, humilde, 'grandiosamente humilde e humano' na forma como na vivência o sofrimento dos Pobres, dos Doentes incuráveis...) nas casas dos mais sofrendores para conhecer as suas carências e planejar, em seguida, a forma, diria, 'quase divina' de as superar. E sinto nos seus passos os passos de Jesus, e no seu coração aquela capacidade infinita de amar e de 'dar sem condições nem restrições como Deus dá', usando as suas próprias palavras. E revejo-o em toda a vossa Obra, em que frequentemente medito, um modelo de valores morais e espirituais sem os quais a vida não tem qualquer sentido.

Assinante 67395»

da tia Maria José, uma professora de enfermagem da Galiza (Espanha) que já está conosco há mais de dois anos.

Tem sala de atendimento, de consulta, laboratório para a malária, sala de parto e dois quartos para internamento de recém-nascidos. Está muito bonito. É uma construção simples, mas faz muita falta na comunidade.

Horácio

## LAR DO PORTO

### CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— O período de férias está a terminar para algumas famílias, outras nem podem usufruir deste direito. Os Pobres da nossa Conferência e de outras, não sabem o que é ter férias, infelizmente é uma regalia que nunca tiveram porque as carências monetárias são muitas e a sua prioridade é ter uma refeição todos os dias na sua mesa.

Há dias, visitámos uma Pobre. Estava triste porque não tinha dinheiro para comprar legumes para a sopa. Felizmente, apareceram. É triste esta situação porque além de viver com muitas dificuldades, ainda não lhe resolveram o problema da habitação. A burocracia continua nos gabinetes.

A seguir, transcrevemos uma circular escrita pelo senhor Jossin, de 27/5/1845, que nos dá uma lição. Apesar de ter sido escrita há século e meio, ainda está presente em pleno século XXI, na Sociedade de S. Vicente de Paulo:

«Com efeito quando vamos a casa do Pobre com palavras de fé nos lábios, vigilância cristã nos olhos e amor compassivo no coração, facilmente descobrimos a miséria, os vícios, os defeitos, as esperanças e os receios daqueles junto dos quais estivemos sentados; e não são necessárias muitas lições para entrever os meios de remediar tantos males.

Digamos mais: a visita aos Pobres é o complemento necessário das obras especiais; sem ela nenhuma destas atingirá a sua perfeição.

A visita aos Pobres tem, pelo contrário, a imensa vantagem de fazer conhecer bem todos os membros da família.

Tudo fala aos olhos e à inteligência nesta convivência entre nós e os Pobres. Sim, no lar doméstico tudo tem significação, até os objectos inanimados, até as paredes que numas partes se vêem ornadas de sinais exteriores de religião, e noutras ostentam representações ímpias ou imorais.

Quem não vê que depois do estudo completo do estado moral e material de uma família, a caridade fará surgir do seu fecundo sopro todas as boas obras destinadas a remediar os males patentes aos nossos olhos?»

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — Assinante 11282, cheque de 10.000\$00. Anónimo, 10.000\$00. Edla, 20.000\$00. Noémia, 5.000\$00.

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Agosto, 64.500 exemplares.

Assinante 14081, 20.000\$00. Assinante 22801, 10.000\$00. Maria Luísa, 10.000\$00.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal Félix

## Destino I

O destino está escrito

para cada um ser

o que tiver que ser.

Por isso embora tarde

foste chamado para Padre

para, como Paulo,

Pedro ou Agostinho

seguir o teu caminho.

Quiseste ser Padre

mas não prior.

À monotonia

preferiste o fervor.

Calcorreaste ladeiras

e becos

na procura de gente

sem ecos

a quem davas de comer

como primazia

do teu dever.

Foi Deus que te chamou,

que te inspirou,

que te acompanhou.

A tua Obra

torna toda a falta

em sobra.

Alberto Augusto

# Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

senhoras que tardam em oferecer-se? E a dúvida sobre a força dos nossos apelos? Será que o Evangelho perdeu força de apelo ou os nossos ouvidos voltaram-se para as fábulas do tempo: auto-realização, auto-estima e outros?! Onde recrutar voluntários para a messe do Senhor, sem medida de horas ou proventos?

Na distribuição da Sagrada Comunhão, nas várias Missas foi meu acólito, a segurar a patena, o António, um simpático pequeno de dez anos recém-chegado. Muitos comungantes recebiam o Senhor com uma mão e com a outra afagavam os seus cabelos loiritos, num gesto de ternura e acolhimento. Tão belo e eloquente!

É da Eucaristia que hão-de nascer os voluntários do Reino, sem crachá. Conhecidos pelos Pobres e pelo Senhor. Uma mão aberta para Ele e outra estendida para os Seus preferidos: os pequeninos, os doentes, os Pobres. Tudo tão claro!

Padre João

## DOCTRINA



O esplendor da Montureira

O pequenino *homo animalis* apresenta-se dia-a-dia à porta das nossas Casas, casas deles, fulgurante de verdade no seu traje, nos seus hábitos, nas suas palavras, nas suas atitudes, no seu abandono. Vê-se imediatamente, e acredita-se, que ele é o filho da Montureira. Por tal lei misteriosa que transcende todo o ser humano, eles fazem-nos chorar de pena pois que todos somos irmãos. Susceptíveis de todas as formas, cheios de infinitas possibilidades, estes estrangeiros na Pátria são autênticos filhos da Nação, capazes de pagar amor com amor, se primeiramente os souberem amar. Alguns são verdadeiramente um assombro de audácia e de iniciativa. Um caso: Mandou-se o gaiato X à cabina telefónica de Cête, pedir o 78 do Estado e falar para o Ministério da Economia. Tratava-se de pão; era um caso muito sério. O pequenino, antes de dar o recado, foi ao celeiro verificar a quantidade de milho que tínhamos, fazer o cálculo da sua duração — compreender para falar. A palavra do garoto da rua deve ter enchido o peito de quem o escutou!

ELE há outra economia nas nações que vale tanto como a do pão; é a dos valores honestos. «Nem só de pão vive o homem» — palavra eterna. Sim; deve ter enchido e persuadido porquanto a resposta foi de amigos: «Vai falar com o Delegado da Intendência Geral dos Abastecimentos, do Porto». O nosso catraio assim fez. Saiu de casa para tomar, em Cête, o primeiro comboio, sem outras credenciais além da inocência, da alegria e da esperança da Nação. Havia uma grande bicha nos escritórios da Intendência, como o pequeno graciosamente esclareceu.

— Quero falar com o senhor major Gregório.

— Oh rapaz, vai passear!

— Sou gaiato do Padre Américo; quero falar com o senhor major Gregório.

— Se te não vais embora, chamo a polícia! Isto aqui é só para gente.

O pequenino não desanima; tem confiança em si, na Obra, na sua missão. É preciso conseguir milho ou farinha de que se faça pão. Dirige-se pelo seu próprio pé a uma casa comercial, implora que o deixem falar ao telefone, chama pelo senhor major. Mais uma vez a voz da Criança foi ouvida! Ah quem me dera que, dentro da nossa Pátria, nunca venha o povo governar o Povo. «Não tive mais dificuldades», informa o gaiato nervosamente. «Olhe esta carta do senhor major e esta gnia da Moagem». Trouxe pão para trinta dias. Ninguém fazia melhor.

DA Praça da Batalha, sede da Intendência, foi à Federação dos Produtores

de Trigo pedir a guia de trânsito. Foi sozinho. As ruas eram o seu piso, mas já não é das ruas. Não vê as pontas de cigarro; não mira os cartazes de cinema; não procura a companhia da moína. Não, que vai ocupado. Sim, ocupar, interessar, dar à Criança dos caminhos o valor que ela tem. Eu não queria que se fizessem em Portugal cadeias mais perfeitas do que a de Alcoentre; não queria. Mas mais pequeninas, isso sim. Elas são para os nossos irmãos. Quanto menos deles a sofrer, mais deles a gozar. Ninguém pode destruir a natureza das coisas, sim. «Há-de haver sempre escândalos no meio de nós», rixas e invejas e crimes. Mas podia, seguramente, cada um de nós fazer tudo quanto em si coubesse para diminuir a vadiagem infantil. As estatísticas da especialidade indicam, com certeza, qual a percentagem de crimes que começa ali. Sim, devem indicar. Mas, em regra, quando os números são de meter medo e mormente os de matéria social, vem a lei do mínimo esforço dizer que está tudo muito certo, que nos outros países ainda é pior, que não convém assustar; e como o sol de Portugal é doce e quente — deixa-se correr o marfim!

O episódio do nosso procurador é um facho de luz. Não sofre comentários. Ele é documento e lição. Este rapaz há-de ir a Lisboa, pelo seu próprio pé, junto do Ministro da Educação, pedir uma bolsa de estudo. Não que a gente pretenda doutores, mas a luz não pode ficar debaixo do alqueire. Há-de ir, outrossim, ao Ministro das Obras Públicas por um reforço de dinheiro, se o Porto vier a consentir que alguém de fora meta a foice na nossa Aldeia. Há-de ir sozinho, na sua glória de flor da Montureira, falar, convencer, fazer chorar, que os olhos de lágrimas têm maior visão!

DIZEM que O GAIATO é lido pelos ministros da Nação. Bem quisera que assim fosse. Que eles aproveitem a intuição e implantem novos métodos na maneira de educar. Também os mestres da Língua aproveitam o falar do povo para as regras dos seus compêndios; e com esse falar simples ensinam a falar, sem que por isso se sintam diminuídos ou deixem de ser mestres. Nem os ministros, de ser ministros.

DE uma vez entrei numa Casa de educação e beijei uma criança de seis anos. Eu conhecia a mãe. Mãe de muitos filhos e mulher de muitos homens, este pequenino fora o derradeiro fruto do pecado. Quanto mais desgraçados mais lhes quero.

— Quê?! Você cuida que se levam pelo coração?! Eu sou aqui uma fera e não faço nada deles.

Era o senhor Director da Casa a falar.

— Sim, meu senhor; justamente por ser uma fera no meio deles é que não faz nada deles — respondi.

*P. Américo*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

## BENGUELA

# Multiplicação dos pães

● **QUANTAS** vezes me tenho recordado daquela mesa de pedra onde os Pobres comiam, que Pai Américo pôs junto à cozinha da Casa Mãe de Paço de Sousa! Ao contemplar, agora, o vaivém constante de pessoas que pedem comida, à porta da nossa cozinha, lembro-me da mesa dos Pobres. Também me dá vontade de pôr uma mesa, não de pedra mas de madeira, aonde venham sentar-se todos os que andam à deriva, de mãos estendidas, na busca dum pouco de comida. Confesso, entretanto, que tenho medo. Medo de quê? De não poder sentar tanta gente! Estou a lembrar-me, de repente, da cena evangélica da multiplicação dos pães. A mesa foi o chão coberto de erva. O mais importante era matar a fome à multidão. Jesus estava, ali, a dar do que tinha. E toda a gente ficou saciada. A largueza de coração faz multiplicar o que parece pouco. Também, agora, sentados no chão, recebem a comida quente e regressam contentes a suas casas.

● **PARTILHAR** o que somos e o que temos é a regra chave da vida. Não somos ilhas, como vulgarmente se diz. Quantas vezes dou com os meus olhos nas crianças a repartir o bocado de pão! Que faço da minha vida? Que fazes da tua vida? Debruço-me sobre o dia-a-dia da nossa vida e faço a pergunta: — Que seria de nós e da multidão de gente que comunga connosco se não fosse o «dar

as mãos» que chega como torrente abundante e fecunda? Quem são os grandes?! Os grandes do mundo, verdadeiramente grandes, hoje que tanto se fala e se espera deles? Estão à vista. São os que repartem com amor. São eles os verdadeiros vencedores.

● **QUEM** são os grandes em Angola? Os que fazem a paz. Os que buscam decididamente a reconciliação sem cuidar de quem é mais culpado ou menos culpado. Estes são os verdadeiros vencedores da guerra maldita que reduz à miséria mais vergonhosa grande parte da população. Queremos estar metidos na trincheira da paz com os filhos da rua, os famintos, os nus, os doentes sem medicamentos, as mães abandonadas com os filhos, etc.

● **HÁ DIAS**, chegou às minhas mãos uma carta com estes dizeres: «A vossa Obra sempre mereceu a minha admiração pelo apoio que presta aos jovens em situação difícil. Por esse motivo, decidi contribuir com uma oferta mensal de USD 250.00 que, estou certo, ajudará nos vossos esforços». É dum empresário do Lobito, há pouco tempo estabelecido nesta praça. É estrangeiro. Mas preocupa-se muito com a situação social dos filhos sem família. Este gesto confortou-me, não tanto pelo montante posto à nossa disposição, mas pelo significado que tem. Inserir-se, antes de mais, na dinâmica da Obra da



Plantação de couve em Benguela

Rua que vive do que o Povo lhe dá. Até há bem pouco tempo, a Casa do Gaiato recebia uma ajuda mensal do P.A.M. (Agência das Nações Unidas) em alimentação, canalizada, quase na totalidade, para ajudar a manter de pé um pequeno projecto que abrange mais de mil pessoas. Essa ajuda foi suspensa. Mas o projecto continua e vai continuar, enquanto o Povo não puder regressar às suas aldeias de origem. Deste modo, passámos a depender cem por cento do nosso trabalho (gotinha d'água tão pequenina!) e do que nos é dado

pelo Povo. Por isso, é rica de significado esta oferta. Tenho afirmado, mais duma vez, que os grandes males que afligem a população poderiam ser atenuados, em parte, se houvesse mais empenhamento social dos homens do dinheiro; das empresas que emergiram e estão a aparecer. A busca do lucro rápido e fácil mata, à partida, qualquer iniciativa de preocupação de ordem social. Quem dera o exemplo deste empresário amigo, do Lobito, fosse seguido. Bem haja!

Padre Manuel António



Temos de acender uma luzinha para que os trabalhos se retomem.

## Notas do tempo

Continuação da página 1

Proclamação dos Direitos do Homem e especificamente da Criança — e deparamos com multidões de progenitores (como tecnicamente se designam agora pai e mãe) que abandonam ou recusam assumir os filhos (por coerência técnica talvez devesse chamá-los de crias...) e permanecem impunes apesar do delito contra-natura que em relação a eles cometem e dos graves problemas que projectam sobre a Sociedade?

Nem falo daqueles pais que por deficiências congénitas ou adquiridas se tornaram incapazes da altíssima responsabilidade e sagrada missão de criar os filhos que geraram. Falo dos que por egoísmo, pelo direito (!) que se arrogam à sua «realização pessoal», alijam os filhos como carga incómoda para a vida leviana por que optam — e permanecem impunes. E, às vezes, estes mesmos, mais tarde, quando os filhos atingem a idade de «valor económico», reaparecem para os explorar.

Há leis para isto?... Se há, não são aplicadas — e aqui não vale o «antes assim» de que atrás falámos.

Mais vezes o fizemos, mas a última foi há cerca de um ano, a respeito de um pequeno que só por amor dele, vítima indefesa, acabámos por receber. Porém, retardei o seu acolhimento e expliquei à jovem Assistente Social que por ele intercedia, da injustiça que era a impunidade do pai e a nossa cumplicidade no dar-lhe cobertura sem luta. Ela que nunca tinha pensado em tal, compreendeu e aceitou pôr a questão ao Tribunal. Mas foi inútil. O pai continua fazendo a sua vida. A mãe, essa sim, tem a forte atenuante da sua incompetência. E o miúdo, antes que se estragasse no andar por lá sem rei nem roque, veio. Está bem. Mas a injustiça que o fere permanece, não sei se por falta de lei, que para os animais de companhia já existe, se por leis a mais que não são aplicadas ou são-no mal.

Padre Carlos

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

# A Esperança é luz

**V**oz amiga dos Pobres, veio ao nosso encontro para dar a conhecer duas famílias, suas conterrâneas, a viver em condições de grande pobreza. É uma senhora que vive os problemas do seu próximo, e, embora todos os dias suba os degraus da sua posição social, com a mesma facilidade se aproxima dos mais humildes da sua terra.

Um casal, que o é há trinta anos, foi o primeiro motivo desta nossa viagem a terras do Centro do País. Chegados e após alguma espera, veio a mulher mostrar-nos a sua casa, onde vivem em condições muito más. Ali criaram três filhos, que herdaram os problemas de saúde dos pais e foram, a

seu tempo, em busca de uma vida mais digna.

Entramos por uma pequena dependência que fora loja de animais, e, baixando a cabeça, subimos ao andar da casa onde a cozinha e sala-quarto constituem toda a área de habitação. O telhado deixava passar a luz do sol através das frestas junto aos apoios às paredes. O chão, em tábuas toscas e velhas, abria fendas e dava insegurança a quem nele passava. Nada mais existia para servir às necessidades do casal.

Como é possível que ainda haja seres humanos, irmãos nossos, a viver em condições tão pestilentas como este casal?! Temos que bater no peito e sentir a amargura da injustiça. A dor que estas situações pro-

vocam, há-de propagar-se e converter-se em provas de fraternidade.

Alguns quilómetros adiante, outro cireneu se nos juntou para nos acompanhar até à outra família. Era o marido, doente e à espera de um transplante do fígado, a esposa e duas filhas pequenas.

Começaram obras em casa para o que receberam ajuda. Os compartimentos visados estão ainda inacabados, pelo que não podem estar a uso. O pós-operatório a que se sujeitará o pai de família, exige algumas condições que neste momento não têm, pois nem sequer de uma casa-de-banho a casa dispõe.

Temos de acender uma luzinha verde para que os trabalhos se retomem. A Esperança é uma luz que devia estar sempre acesa. Quem dera que no trânsito da vida dos homens, houvesse sempre quem estivesse atento àqueles que pararam na vida!

Padre Júlio

Continuação da página 1

Não é fácil viver deste modo. Mas vamo-nos dando bem com ele, serenamente.

Não podemos contar com os quadros da Igreja que andam ocupados com tarefas mais elevadas e atraentes. Anda fora da pregação da Igreja a entrega total à causa dos Pobres.

Podemos contar, isso sim, com almas boas e simples que vão dispor de algum tempo para este trabalho.

É de facto uma aventura este viver, pois é uma aposta forte nas capacidades escondidas em cada doente. E elas vêm ao de cima quando damos aos doentes a oportunidade de as revelarem.

As normas que regulam o nosso mundo estruturado são outras. Os critérios que presidem à actividade humana organizada não existem por aqui.

Aproveitamos o que outros não querem e porno-lo a render. E estes doentes rendem. E são felizes com o seu rendimento. Basta acreditar neles e dar-lhes ocasião de se mostrarem.

Apesar de tantas limitações e imperfeições reina por aqui uma paz que contagia quem chega.

Oh mundo, que esqueces os cegos, os coxos, os mais fracos, repara como eles aqui vêm, andam e cantam as maravilhas do amor, feito serviço aos outros!

Padre Baptista

# Calvário